

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 07	P. 27-65	2003	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

**Quando os outros olham outros de  
si mesmo: reflexões metodológicas sobre  
a autoconfrontação cruzada**

Marcos Vieira (UFMT) \*  
Daniel Faïta (IUFM) \*\*

**ABSTRACT:** We have studied and developed a methodological procedure, named cruised auto confrontation, in order to analyse work situations, with the purpose of recovering the process of production, through the understanding of the activity purpose itself. The principles of the bakhtinian dialogism and the vigotskyan development psychology were applied to understand linguistic interventions in professional activities. The five subsequent parts of the method help the analyst orientate his work in order to develop an action towards the subject, which is confronted with himself and with others in the activity. The method succeeded in shedding light on the relation between real activity and represented activity, taking into account speech genders and activity gender.

**KEY WORDS:** Cruised auto confrontation, activity gender, speech gender.

**RESUMO:** Estudamos um dispositivo metodológico de análise de situações de trabalho, denominado autoconfrontação cruzada, buscando compreender o processo de produção, reflexão e

---

\* Marcos Vieira é Psiquiatra, Doutor em Lingüística Aplicada aos Estudos da Linguagem pela PUC-SP, Professor do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens e do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UFMT, membro do grupo *Atelier* de pesquisas em linguagem nas situação de trabalho.

\*\* Daniel Faïta é Professeur à IUFM de Aix-Marseille (Instituto Universitário de Formação de Mestres), Co-responsável pela equipe ERGAPE (Ergonomia da Atividade dos Profissionais da Educação), U.M.R. ADEF (Unidade mista de pesquisa) e associado à equipe da Clínica da Atividade (CNAN, Paris).

transformação da atividade. O método, composto de cinco fases, coloca o analista como organizador da confrontação dos protagonistas consigo mesmo e com outros, quanto aos seus ditos e feitos no trabalho. Aplicamos os princípios do dialogismo bakhtiniano e da teoria vigotskiana do desenvolvimento para possibilitar intervenções lingüísticas nas quais o dispositivo de autoconfrontação desvela as relações dialógicas entre a atividade real e sua representação, na tensão entre os gêneros da atividade e os gêneros do discurso.

**PALAVRAS CHAVE:** autoconfrontação cruzada, gênero da atividade, gênero do discurso.

## 1. Introdução

Discutimos neste artigo alguns problemas metodológicos relativos à prática em Clínica da Atividade do método da autoconfrontação cruzada<sup>1</sup> (Clot & Faïta, 2000; Clot, Faïta, Fernandez & Sheller, 2001; Vieira, 2003a). O termo “Clínica da Atividade” representa uma abordagem da análise do trabalho centrada numa perspectiva dialógica e do desenvolvimento, que busca intervir na situação favorecendo transformações na atividade e restabelecendo o poder de agir dos coletivos de trabalho<sup>2</sup>. Antes de passarmos às reflexões sobre o dispositivo da autoconfrontação será necessário precisar, do ponto de vista da análise, o aporte do processo dialógico para o método.

---

<sup>1</sup> Trata-se de versão para a língua portuguesa de um ensaio escrito em língua francesa em 2002, *Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontation croisée*, fruto do trabalho conjunto entre Daniel Faïta e Marcos Vieira, por ocasião do DWS desse último na Université de Provence e no CNAM de Paris.

<sup>2</sup> A exemplo da equipe de pesquisa dirigida por Y. Clot no Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação (CNAM Paris).

## **2. Clínica da Atividade e constituição da análise do trabalho numa perspectiva dialógica**

As noções de diálogo, relações dialógicas, dialogismo, aqui utilizadas, são originárias dos trabalhos do “círculo de Bakhtin” (Bakhtin, 1929/1977, 1929/92, 1929/1961-62/1970) e têm sido objeto de debates, controvérsias e desenvolvimentos importantes (Todorov, 1981). Essas noções conduzem a tomar o enunciado concreto como a base material das análises de situações, de atos e pensamentos humanos, fornecendo às ciências humanas um novo objeto: as relações dialógicas, situadas na fronteira entre discurso e atividade. Acatar esta posição como princípio conduz a romper com uma atitude de considerar apenas uma parte desse mesmo objeto, privilegiando uma de suas características, isolando-a e tratando-a sob o ângulo de uma lógica disciplinar (psicológica, lingüística, filosófica, dentre outras).

Nesse sentido, a Clínica da Atividade propõe novas modalidades em análise do trabalho, nas quais o dialogismo constitui o princípio diretor e a fonte do dispositivo metodológico. Trata-se essencialmente da criação de um enquadramento em que os pares associados à pesquisa, os trabalhadores, possam protagonizar as expectativas e as condições da intervenção, pondo em movimento as maneiras de pensar coletivamente o seu trabalho, entre a imagem filmada do que eles fazem e a transformação em discurso do que eles estão no processo de fazer. Esse caminho institui o que chamamos de um espaço-tempo no qual os protagonistas têm a possibilidade de mobilizar, ou de restabelecer, o seu ‘poder de agir’ em contraponto às ações expostas pelo registro filmado.

O método de autoconfrontação cruzada se estrutura em três fases: 1) constituição do grupo de análise (Faïta, 1997) que desenvolve o trabalho sobre o objeto da pesquisa e sobre as opções metodológicas; 2) a realização das autoconfrontações simples e cruzadas mobilizando a conjugação das experiências; 3) a extensão do trabalho de análise ao coletivo profissional. No decorrer das nossas reflexões acentuaremos as relações dialógicas que acompanham o conjunto das três fases, concentrando-nos na

constituição e funcionamento do grupo de análise, no papel do analista-pesquisador e no estatuto do objeto, no formato vídeo, que ancora as autoconfrontações. Trata-se, no nosso entendimento, de uma escolha estratégica cujo efeito busca consolidar as bases metodológicas do processo de análise do trabalho, engajado segundo os princípios bakhtinianos do dialogismo e vigotskianos do desenvolvimento.

### **3. A constituição do grupo de análise**

A primeira fase, constituição do grupo representativo do '*meio de trabalho associado à pesquisa*' (Faïta, 2001a: 274), necessita de 'uma longa etapa de observação das situações e dos meios profissionais a fim de produzir concepções partilhadas com os trabalhadores' (Clot, Faïta et alii, 2001: 21). Os 'impasses' inevitáveis (Faïta, 2001a: 272), consecutivos aos erros de perspectiva e de apreciação cometidos pelo pesquisador na sua aprendizagem do objeto de trabalho e de suas modalidades, assim como os erros cometidos pelo coletivo na sua apropriação dos objetivos e limites da pesquisa, constituem de fato a condição incontornável de uma boa elaboração das concepções. Trata-se de um problema particular que se põe no desenvolvimento dessa fase inicial, cujo tratamento condiciona a validade do dispositivo. A participação plenária do coletivo na definição das modalidades iniciais do trabalho de co-análise, por exemplo para a escolha entre eles dos protagonistas das fases posteriores, tem se mostrado produtiva no processo de engajamento no dispositivo. Entretanto, a mesma participação visando a escolha das atividades a serem filmadas no curso da observação e que serão submetidas às autoconfrontações, apresenta aspectos mais delicados.

Pudemos observar (Faïta, Clot et alii, 1996; Faïta, 2001) que a escolha de uma seqüência de condução de trens pelo coletivo dos agentes de condução poderia alcançar um desenvolvimento muito produtivo, desde que essa escolha fosse realizada após um longo período de trocas e diálogos com a equipe de pesquisa, ou seja, de controvérsias quanto ao modo de definir o

objeto da pesquisa. Relembramos uma passagem dessa análise do trabalho que é rica de ensinamentos. Associados desde o início à definição dos objetivos da análise, o coletivo de agentes contestou os procedimentos de investigação utilizados (observação em situação de trabalho, formulação de hipóteses, discussão dessas hipóteses com o coletivo e produção de conclusões) e reivindicou, por iniciativa própria, uma outra via: a reunião de um pequeno grupo de cinco condutores com a missão de elaborar e redigir uma análise do que seria a percepção consensual de toda a complexidade da atividade. Entretanto, o resultado foi decepcionante, ao invés de uma análise compreensiva apresentaram quatro páginas de lembranças sumárias dos procedimentos prescritos para serem utilizados, associados a alguns comentários anódinos. Tal exemplo demonstrou a atração exercida pelos modelos discursivos antecedentes sobre o *querer dizer* do coletivo ou seu *projeto discursivo* (Bakhtin, 1984: 286-287), fenômeno com várias explicações possíveis. O que podemos afirmar é que a expressão coletiva busca seus recursos no *gênero profissional* (Clot & Faïta, 2000), tanto como memória do meio de trabalho quanto como catálogo de recursos e, tal a passagem ao escrito, adiciona um filtro suplementar à enunciação. Observamos claramente que a acumulação de leis e limites que regem a enunciação se impõe ao relato sem disponibilizar uma contrapartida reflexiva ao coletivo de trabalhadores desprovidos de recursos críticos necessários para discriminar os elementos pertinentes dos não pertinentes em matéria de formalização e de representação da sua própria atividade.

Examinando um outro exemplo tomado da observação e discussão para escolha de seqüência de atividade numa situação de consulta entre infectologistas e pacientes com AIDS (Vieira, 2002), observamos que o coletivo de médicos descartava a necessidade de confrontar-se com o exame físico, dizia que com esse tipo de paciente o exame não apresentava problemas. Entretanto, a observação do analista indicava a existência de dificuldades marcadas por dois índices, pela postura tensa dos pacientes durante a realização das técnicas de exame e pela não resposta desses pacientes às questões de esclarecimento das sensações corporais propostas pelos infectologistas. Uma

discussão entre o querer dizer dos infectologistas e essas observações da atividade de consulta levou à focalização do exame físico como seqüência a ser registrada. Dessa forma, é uma incumbência do pesquisador, parcial ou, às vezes, total, visualizar a escolha dos momentos e seqüências da atividade em função dessa atividade mais do que da representação discursiva que o coletivo está pré-disposto a fornecer<sup>3</sup>. É provável que a representação coletiva da atividade repouse, ao menos em parte, tanto no modo como cada um está apto a pensar esta atividade quanto no que o protagonista coletivo está pré-disposto a dizer dela, captando ou anulando os desejos individuais, que têm o efeito de desviar o centro de gravidade do debate. A atividade, no final das contas, permanece como pano de fundo desse processo e dos compromissos que podem contribuir para ocultar-lhe uma parte. Então, é uma incumbência do analista retomar a parte daquilo, no universo das opções do coletivo, que se destaque de um projeto discursivo específico, de maneira a assegurar o papel central da representação filmada nas dimensões pertinentes à atividade concreta de trabalho.

Sobre esses pontos anteriores, a experiência, no que concerne à Clínica da Atividade, permite dispor de garantias consideráveis:

- I. O observador não renuncia a defender o ponto de vista da pesquisa face às escolhas argumentadas pelos protagonistas diretos.
- II. A ação mesma de filmagem privilegia uma variedade de seqüências sobre determinados atos do trabalho recolhidos durante uma mesma jornada.
- III. Os protagonistas diretos da atividade são filmados nas situações de trabalho mais próximas o possível umas das outras, o que é essencial para engajar a autoconfrontação sobre as maneiras de fazer.

---

<sup>3</sup> Explicaremos posteriormente o que nos faz considerar que uma representação filmada participa da contrapartida discursiva da atividade.

Esses aspectos motivam a aprofundar as questões propostas, especialmente quanto aos perigos que adviriam se não considerássemos seriamente as relações mantidas entre a atividade inicial, a filmagem como discurso e texto, e as atividades de autoconfrontação em curso na segunda fase do processo, no campo propriamente dito da prática na Clínica da Atividade.

#### **4. O papel do analista na constituição dos materiais da autoconfrontação**

Para evitar proceder a uma autoconfrontação a partir de um material baseado no projeto discursivo dos protagonistas, mais do que sobre a representação da atividade, é essencial que o analista não negligencie seu papel dialógico no momento das escolhas dos elementos constitutivos do material. Tal postura pressupõe que o analista participe da seleção dos suportes técnicos (imagens, mas também registros dos discursos em áudio) buscando manter a atividade como um objeto constituído com base nas observações e nos diálogos anteriores. O analista não deve, em nenhum momento, confundir o seu papel com o dos protagonistas diretos da atividade, que da parte deles pensam o que poderia ou deveria ser o trabalho, ao mesmo tempo que vivem e reformulam o que a atividade mesma lhes devolve. A atividade sobre a atividade em que se constitui a autoconfrontação não pode substituir a atividade mesma, uma vez que, nessa segunda fase, o processo de produção de sentido é realizado a partir do trabalho observado no suporte vídeo. Aqui o sentido não advém apenas do exterior, mas, sobretudo da antecipação do seu desenvolvimento, que responde ao efeito de contextualização exercido pela autoconfrontação simples. Neste sentido, convém distinguir dois modos de contextualização sucessivos e articulados:

- A autoconfrontação simples é o momento da produção de um discurso que se refere às seqüências filmadas, ao que elas mostram, sugerem ou evocam. (o que nós qualificamos na tabela abaixo de “primeira fonte de significação concreta”). Ao

filme da atividade inicial, com suas lacunas e suas elipses, a autoconfrontação simples acrescenta um contexto carregado de comentários.

- A autoconfrontação cruzada é o espaço-tempo, ou seja, um cronotopo, um momento de suspensão em que a referência se globaliza, onde tudo que se engendra no 'in-formulado' pode ser encontrado e revelado paralelamente ao processo iniciado pelo procedimento. Por sua vez, a autoconfrontação simples, mobilizada na confrontação cruzada, enriquece os comentários de digressões metacognitivas e metalingüísticas, de antecipações sobre o decorrer do processo de trabalho observado.
- A compreensão desses dois mecanismos postos em funcionamento repousa então na capacidade de discernir permanentemente as fontes de discursos, suas transformações, a partir do desenvolvimento global.

Nessa linha de articulação, nós reencontramos o essencial da concepção bakhtiniana da compreensão enquanto processo ativo (Bakhtin, 1929/1977), segundo o qual compreender é antes de tudo agir, de tal forma que um se antecipa à atividade do outro em resposta à sua própria. Nesse ponto de complexidade, seria conveniente não perder de vista o objetivo da análise por desenvolver-se na terceira fase, que busca precisamente colocar em relação propriamente dialógica a situação representada e o processo desenvolvido a partir dela. Os movimentos discursivos ocasionados nos protagonistas pelo filme participam da re colocação em campo do que eles se vêem fazendo e se escutam dizendo, constituindo os muitos elementos de contextualização-recontextualização da atividade atual. É dessa forma que se poderá estabelecer as relações de pertinência entre o *déjà vu*, o *déjà dit*, o vivido e os fenômenos emergentes. Posteriormente, nós poderemos como conseqüência, alcançar um sentido, quer dizer, reler o texto produzido por cada um dos protagonistas nos perguntando como as palavras, estruturas de diálogo e fenômenos diversos, se aclaram uns aos outros a uma distância maior ou menor com o evento global. Bakhtin faz uma

longa reflexão dessa complexidade em “o problema do texto”, do qual ressaltamos os fragmentos abaixo:

*Encontramos, por trás de todo texto, o sistema da língua, o que lhe corresponde é tudo aquilo que é repetitivo e reproduzível, tudo o que pode ocorrer fora do texto. Mas ao mesmo tempo todo texto (na sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, nisso reside seu sentido (seu desígnio, o mote da sua criação). É nessa via que ele envia ao verdadeiro, ao verídico, ao bem, ao belo... (...) Aos olhos dessa função, todo o repetitivo e reproduzível são da ordem do material e do meio. É o texto que não se enquadra no lingüístico e no filológico. Esse segundo aspecto (pólo) é uma propriedade do próprio texto que somente revela-se em situação e na cadeia textual (na troca verbal situada em um domínio específico). Esse pólo o une não aos elementos reproduzíveis do sistema da língua (dos signos) mas aos outros textos (irreproduzíveis) numa relação particular, dialógica (e dialética, caso abstraia-se o autor). (Bakhtin, 1984: 313-314)*

Aproximando essa compreensão da nossa prática no momento crucial da autoconfrontação simples ou cruzada, uma das mais efetivas garantias do método residira na capacidade de manter o movimento dialógico em torno do que os protagonistas enxergam do que eles fazem. O analista-participante busca permanentemente concentrar o debate sobre a atividade. Não se trata de reduzir, de abrandar a expressão, mas ao contrário de discernir, com o máximo de chance de sucesso, as dimensões compostas de significações concretas, feitas de associação de enunciados produzidos e do que revela suas relações efetivas ao que eles referem. Ademais a utilização das peças da primeira fase (filme, autoconfrontação simples) privilegiando um desenho discursivo dos protagonistas<sup>4</sup> em detrimento da recolocação em

---

<sup>4</sup> Esta observação não deve ser considerada como um índice de exclusividade a certos gêneros de procedimentos discursivos. É perfeitamente possível de colocar

trabalho dos elementos da atividade, induz ao risco de um empobrecimento, ou neutralização, do efeito de retorno exercido pelo procedimento no momento da restituição ao meio de trabalho. Nos parece justificado transportar este problema ao postulado bakhtiniano segundo o qual *o ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano, diferente da ação física) fora do contexto dialógico do seu tempo (no qual ele figura como réplica, como posição do sentido)* (Bakhtin, 1984: 316).

Dito de um outro modo, se o material da autoconfrontação cruzada é extraído de um processo continuado composto de duas autoconfrontações simples iniciais, uma para cada dupla de protagonistas que se encontrará em seguida para confrontar-se, essas autoconfrontações simples iniciais representam elas mesmas um modo de difusão dos projetos discursivos ou mesmo das aquisições da fase de observação que retorna sobre o coletivo. Devemos estar atentos para o perigo agudo da instrumentalização desses primeiros suportes (a seqüência filmada e os extratos da seqüência filmada da autoconfrontação simples) utilizados para a autoconfrontação cruzada, caso eles se concentrem sobre o querer dizer mais do que sobre a atividade. Tal desvio pode ter como conseqüências a perda da pertinência de uma análise real da atividade de trabalho e a dificuldade de reestabelecimento do poder de transformação e de ação do coletivo.

A base do processo deve efetivamente iniciar a confrontação termo a termo dos *“como fazer”* respectivos dos protagonistas, desenhados sobre o fundo dos *“a fazer”* e *“por fazer”* nas prescrições e modos operatórios contidos pela tarefa e pela atividade que se realiza concretamente. O papel do contexto que o filme suporta, seguido dos desdobramentos paralelos ocasionados pela primeira autoconfrontação, é determinante para a produtividade de uma autoconfrontação cruzada que não se preste a ser a ocasião de produções discursivas direcionadas para a conquista e ilustração dos lugares de interlocutores. Um aporte

---

em palavras uma experiência profissional sob a forma de relato, ou ainda ironizando ou dramatizando a referência às situações.

clínico deve repousar na base primordial do desenvolvimento da situação pela primeira autoconfrontação, para, em seguida, iniciar as relações dialógicas pelo desenvolvimento do objeto, e então dos sujeitos envolvidos na autoconfrontação cruzada. O diálogo, pelo papel mediador que tem na linguagem, provoca e suporta ao mesmo tempo a realização e a diversificação dos modos de pensar o real e as relações mantidas com os seus elementos (Vigotsky, 1934/1987). Nessa progressão teremos toda a possibilidade de tocar os diálogos entre a atividade e a atividade sobre a atividade, particularmente a atividade verbal, discursiva.

## **5. Das teorias de Bakhtin para a autoconfrontação**

Em Bakhtin, a questão do desenvolvimento induzido pelas relações dialógicas está posta de maneira intrínseca pela distinção (e ao mesmo tempo pela ligação) entre gêneros do discurso primário e secundário. Os primeiros são indissoluvelmente confundidos com a atividade, uma vez que eles dão sua substância às trocas verbais ao mesmo tempo que guiam sua progressão ao custo das trocas, das rupturas (encadeamentos), dos quais os interlocutores se utilizam. Os segundos, com sua vocação à generalidade, à tomada de distância da realidade concreta, suportam os diferentes processos de abstração, de conceitualização, de metadiscursividade, etc. Eles são de qualquer forma a emanção dos primeiros no funcionamento e na circulação da qual eles vem, tal como o romance que tira sua substância da multidão de trocas cotidianas (Bakhtin, 1975/1988). A relação entre gêneros primeiros e segundos é então uma relação de continuidade fundada na *distensividade* das trocas verbais, que verdadeiramente não começam jamais e nunca se terminam, sem ser uma questão de progressão do simples para o complexo tanto em um sentido como no outro. Desse ponto de vista, pode-se sustentar que Bakhtin estuda a atividade, os 'domínios da atividade' (Faïta, 2001b), a partir do texto literário que ele submete a análise e não em um conjunto de textos, orais e escritos, produzidos numa esfera de atividade particular. É necessário considerar essa diferença

quando se transpõe para a análise da atividade noções tão complexas como a de *gênero*, tendo a prudência de considerar o novo objeto (a *gênese de uma atividade sobre uma atividade*) como uma imagem, ou uma réplica deformada da relação que unia em um sentido inverso o romance à conversação cotidiana. Seria pelo menos excessiva a pretensão de analisar a atividade mesma a partir de traços escritos e/ou orais, de imagens e de discursos sobre estas imagens, sem levar em consideração as transformações, deformações e *disfuncionamentos* que introduzem, necessariamente, as funcionalidades e as põem em estruturas operantes. É exatamente por esse motivo que compreendemos a importância de considerar o resultado global do procedimento da autoconfrontação como um novo objeto, revelador de diferenças significativas, por vezes polêmicas, entre o que ela mostra à nossa visão e à atividade observada, apreendida e compreendida no início da intervenção.

É igualmente a partir de hipóteses sobre as relações dialógicas que se pode considerar o modo como o analista, ou especialista, desempenha seu papel na situação criada pelo procedimento de autoconfrontação. Ele contribui efetivamente para dotar de certas características o que constitui para ele uma situação de trabalho. Sua atividade própria emerge pelo modo que ele garante seu desenvolvimento em função do gênero “trocas verbais em situação de autoconfrontação” (composto entre outros por certas ações verbais que tem por função evitar o desvio do gênero). Estes ‘micro-gêneros’, são, entretanto, produzidos e veiculados no funcionamento da linguagem de tal forma que nós sabemos que eles não começam nem acabam na atualização que faz um ou outro protagonista, uma vez que estão todos submetidos à leis que regem as relações dialógicas. Em decorrência não se considerará de forma alguma a expressão dessas leis como regras particulares, mas como modos de estruturação adquiridos pelo analista na sua apropriação dos modos de continuidade discursiva, constituindo por fim, ao longo das circunstâncias de repetição, um “gênero de autoconfrontação”. É então provável que o recurso a um número indefinível de ‘micro-gêneros’, por exemplo de encadeamento das questões do outro, comentários do que se fez ou se disse, será

inevitável, mas variável em função dos recursos particulares constituídos por cada analista.

Será adequado considerar igualmente o impacto do *metier* de base do analista sobre a forma como ele gere claramente sua conduta de participação na autoconfrontação. Quer seja lingüista, psiquiatra, psicólogo, filósofo, etc... não será indiferente uma vez que apelar-se-á aos recursos dialógicos específicos que imprimem sua marca (estilística ou temática) ao processo no qual realiza-se a intervenção. Suas participações, mas também o modo como o analista as estrutura, em função de encadeamentos específicos, tenderão a um gênero não menos específico, próximo ao que Boutet e Fiala perceberam como “formação discursiva”. É evidente que as relações dialógicas ultrapassam largamente, e em todos os sentidos, qualquer ‘formato de interação’ localizado no processo em curso. Em outros termos, na condução da autoconfrontação, se o analista evita a rigidez própria à entrevista de explicitação tal como proposta por Vermesch (1994), excluindo a esquematização de uma relação entrevistador-entrevistado e seu condicionamento por um micro-gênero imperativo (limites estruturais fechados, focalização sobre os referentes, relação única com a tarefa), vai abrir uma porta a entrada de “mundos” (François, 1993) que serão trazidos por todos os protagonistas, sem exceção. Essas constatações reforçam nossa convicção de que a produtividade da autoconfrontação está inteiramente ligada ao rigor com o qual se organizam as suas condições iniciais.

A lógica própria ao processo de autoconfrontação, que nós acabamos de examinar, constitui o enquadramento em que se constroem os sentidos concretos, quer dizer, englobam-se as palavras e as réplicas dos participantes ao mesmo tempo que as circunstâncias, os contextos, as relações explícitas ou não ditas de uns e de outros a eles mesmos bem como a esse conjunto de ‘exteriores’ a eles. Entretanto, é necessário ainda a distinção de um nível suplementar que superpõe um outro processo dialógico entre os analistas-pesquisadores e o objeto construído, de uma forma prosaica: o registro filmado, o vídeo, das diferentes etapas da autoconfrontação. É na construção das relações dialógicas dos protagonistas com o objeto vídeo que se encontram uma série de outras relações com outros objetos produzidos no passado (e com

o novo) entre os quais se vai pesquisar e, queiramos ou não, identificar mais facilmente as constantes e homologias. Nesse patamar se realiza uma posição de pesquisador que constitui ou reforça o gênero da autoconfrontação em um nível muito diferente, buscando nesse objeto os traços das relações dialógicas iniciadas e depois desenvolvidas ao longo do processo, e que entendemos reveladoras, no seu movimento, dos movimento da atividade. Chega-se, desse modo, a uma fase em que engaja-se uma forma de conceptualização e de categorização de características marcantes do objeto, sobretudo se elas parecem recorrentes.

## **6. O estatuto do objeto**

É necessário rever o estatuto do objeto vídeo que em alguns momentos nós pressentíamos como um concentrado explícito da atividade estudada, mas que destravava uma reflexão anterior, por vezes a níveis diferentes de significação e em um outro estado de atividade. A níveis diferentes, uma vez que este objeto tem a vocação de tomar um lugar em meio as peças que incitam o meio de trabalho formal, incitando por um lado tanto os protagonistas diretos como os demandantes, a prolongar o trabalho engajado, a recolocar em questão os esquemas interpostos entre a atividade de trabalho e a visão dominante sobre essa atividade, e por outro desafiando o pesquisador com um novo objeto de análise, potencialmente revelador de ligações e contradições significativas com a realidade observada<sup>5</sup>. Em um outro estado, uma vez que esse novo objeto tem uma outra função de destravar, a que consiste em recolocar em questão ou a desenvolver a reflexão metodológica sobre a autoconfrontação, ou ainda a transformar e acelerar algumas das pesquisas de análise do trabalho que estão em curso.

---

<sup>5</sup> Em certos estabelecimentos escolares considerados como “difíceis”, por questões de inadequação social, onde a autoconfrontação foi realizada, pode-se fazer a experiência de uma retomada do processo, assumida pelo meio de trabalho ele mesmo, nos termos do procedimento iniciado pelos pesquisadores. Então, neste caso, se está perfeitamente autorizado a falar de processo interrompido.

Novas reflexões impõem-se caso consideremos os papéis variados que se pode atualmente fazer com um tal objeto, tais como a projeção de filmes de autoconfrontação diante de um outro coletivo de trabalho, em salas de aula ou outros grupos de formação. Nos diversos casos, é essencial considerar adequadamente que o tipo de “atividade sobre a atividade” inicial é forçosamente diferente desses deslocamentos, submetidos a leis diferenciadas, tributários de gêneros e micro-gêneros diferentes e mobilizados na ação de compreender e se apropriar do objeto. No papel de pesquisadores, é importante que tomemos o cuidado de mensurar as características desse objeto, do qual nós criamos as condições de aparecimento, mas que nos escapa e nos ultrapassa no momento de sua realização. Nesse sentido, nós não podemos evitar atribuir-lhe um estatuto conforme o do texto, portador de sentidos concretos para aqueles que fazem parte da situação de produção, entretanto cada vez menos no decorrer do tempo, e gerador de significações reencontradas (ou pesquisadas, no estado da reconceitualização) por aqueles que mantêm com a atividade inicial uma relação material e temporal indireta.

Para além do primeiro estado de relações estabelecidas entre o filme realizado e a atividade inicial (fonte dos enunciados concretos que suportam a colocação do sentido em função de um gênero do discurso dominante e dos micro-gêneros que o materializam) não existe uma fronteira material. Isso implica que o pesquisador pode a todo momento deixar que o diálogo escape das leis desse gênero, deixando-se agir ele mesmo na direção de abrir os parênteses enunciativos, destravando as modalidades disjuntas da colocação em sentido. Este é o mote de todo o trabalho de elaboração de um texto a partir ou sobre um outro texto, o que nós qualificamos anteriormente de diálogo entre o primeiro nível da atividade (atividade inicial) e o segundo nível, da autoconfrontação cruzada (da atividade sobre a atividade). A relação complexa que se instaura, enunciação a partir de uma outra enunciação, põe o discurso em uma situação completamente diferente, fora do enquadramento traçado no primeiro contato, mas da ordem da persistência de ligações mais ou menos estreitas, de marcas persistentes do discurso de origem, de tal forma que a independência em relação ao novo felizmente

não é anulada. Nesse caso podemos dizer que as relações dialógicas iniciais vídeo-discurso de cada protagonista na autoconfrontação primeira não é jamais apagada, será sempre muito ou pouco recuperável ou subjacente na situação segunda, de um modo muito semelhante à persistência do discurso relatado no discurso de um narrador<sup>6</sup>. A esse respeito Bakhtin nota que no enunciado do narrador, a enunciação primitiva é integrada à unidade própria da nova composição, pelo jogo das regras sintáticas, estilísticas e composicionais. A enunciação conserva, ao menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso do outro, sem o que esse discurso não poderia ser apreendido (Bakhtin, 1929/1992: 144-145).

Ressaltamos um detalhe essencial: uma vez que distinga cuidadosamente a demarcação entre as atividades sucessivas, superpostas ou encaixadas, o analista tem a possibilidade de escapar das leis do gênero impostas pela situação segunda, e de não perder as ligações com a situação primária, a atividade de primeiro nível. Essa postura nos leva enquanto analistas a enveredar por um exercício delicado, que consiste em manter uma atividade discursiva autônoma, interior e paralela à atividade discursiva dos protagonistas autoconfrontados. Caso não se consiga adotar essa postura, corre-se o risco de se romper a continuidade (as ligações) entre as diferentes fases do procedimento. A ruptura lembrada anteriormente, exemplificada pela entrevista de explicitação, teria como consequência mantermos insensíveis ao que constitui o embasamento, as ligações que correlacionam as diferentes fases da atividade. Enveredando por essa via o objeto autoconfrontação cruzada não chega a ser diferente do objeto que se mantém apenas ao nível dos 'micro-gêneros' disciplinares, dos preconcebidos analíticos veiculados na situação pelos pesquisadores eventualmente ignorantes dos perigos dessa construção. Um sentido, verdadeiramente

---

<sup>6</sup> Num estudo dos registros em áudio de uma atividade médica durante consultas clínicas os comentários dos protagonistas sobre essa atividade foram recuperados pelas estruturas de uso do discurso relatado e ajudaram a perceber o movimento das relações dialógicas em relação a atividade primeira e segunda. A esse respeito ver Vieira (2002<sup>a</sup>; 2003<sup>b</sup>).

construído no plano das relações dialógicas, escapa a esse tipo de análise.

Se a autoconfrontação se propõe a ser um procedimento que capte as relações dialógicas na fronteira entre o discurso e a atividade não pode se contentar em descrever apenas as trocas verbais. O diálogo, tomado como atividade linguageira, não pode ser analisado somente como enunciado produzido, é preciso também desencadear um processo de contradições imediatas entre o visto e o representado, no qual a ação e a atividade possam aparecer. A experiência de autoconfrontar-se não é consensual e a polêmica funciona como um instrumento que permite desenvolver um procedimento que não é o do comentário, mas um funcionamento dialógico interior em direção a enunciações que o autoconfrontado não poderia destravar sem a presença de um texto visualizável (imagem, fala....) que o força a ajustar os seus ditos com os seus feitos. Nesse momento aparecem os objetos e as ações que o protagonista mobiliza para fazer o duplo movimento entre o discurso e a atividade, e tem-se a chance de captar os temas do sujeito, trazidos pelo seu discurso interior, que segundo Bakhtin traz *toda essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo* (Bakhtin, 1929/92: 147).

## **7. Síntese e proposição de um guia de ação**

Estamos conscientes de que as nossas reflexões revelam cada vez mais o procedimento da autoconfrontação cruzada como uma intervenção clínica, isso quer dizer que o analista-pesquisador ao optar pela utilização dessa metodologia, deverá estar atento para sua estruturação e uso, sabendo que o método se presta a objetivos concretos e que independente de serem atingidos, algum efeito será produzido junto aos protagonistas. A intervenção em ambientes de trabalho não pode ser encarada de um ponto de vista que pressupõe uma neutralidade inexistente e que desconhece as singularidades dos seus protagonistas, é neste sentido que ressaltamos que o nosso objetivo mais amplo é de reestabelecer o poder de ação de coletivos de trabalho e

possibilitar que os sujeitos gerem as transformações possíveis, quer dizer: fazer com que *de objeto de análise do vivido transforme-se em meio de viver outras vidas* (Clot, 2001: 15). Para tanto, procuramos nos cercar de garantias na prevenção de problemas de percurso e caso eles sejam inevitáveis, para redirecionar a situação. No caso de danos individuais ou coletivos, devemos resguardar uma margem para que, no mínimo, eles possam ser retomados como fonte de reestabelecimento. É nesse intuito que passamos a sintetizar o que refletimos até o momento e, antes de adentrar em questões mais práticas com seus exemplos, passamos, no quadro abaixo, a proposição de um guia mínimo de ação:

<i>Fase</i>	<i>Natureza</i>	<i>Características</i>
<i>Filme</i>	Imagens da atividade primeira	Seleção de seqüências homogêneas, estritamente comparáveis por cada participante, escolhidas e montadas em função do conhecimento pelo pesquisador da atividade e das situações de trabalho. <i>Primeira fonte de significações concretas.</i>
Autoconf. Simples	Produção por cada um dos protagonistas (dois) de um discurso (texto). Interação protagonista + pesquisador.	Discurso/texto produzido em referência à atividade observada. Abertura de um espaço aos comentários do sujeito, fora do discurso descritivo/explicativo e das respostas às questões do pesquisador. Desenvolvimento da situação. Produção de significações concretas em referência ao filme. <i>Segunda fonte de significações concretas.</i>
Autoconf. Cruzada	Produção discursiva contextualizada (relacionada à fase precedente). Instauração de uma relação dialógica enriquecida e complexa: -diálogo inter-atividades; -Relação dialógica protagonista 1 + protag. 2 + pesquisador	Esta fase integra dois níveis de referência: a atividade inicial, filmada e editada (1ª fonte de significações concretas), até o contexto discursivo ofertado pelo nível 1 da autoconfrontação simples (2ª fonte de significações concretas), bem como as fases de interação entre os protagonistas, protagonista-pesquisador, as referências de cada um a si mesmo fora do processo de interação, podendo ser reportadas as duas fontes anteriores. Desenvolvimento do objeto dessa nova atividade, desenvolvimento dos sujeitos engajados na atividade.

Retorno ao meio de trabalho	Produção de objeto (resultante das fases anteriores) construindo um patrimônio em resposta à demanda inicial (ou ao projeto).	O objeto torna-se autônomo em relação às fases de produção. Ele pode servir a diferentes usos: suporte de trocas consecutivas no ambiente de trabalho, formação continuada, material didático, etc...
Apropriação diferenciada do objeto pela equipe de pesquisa	Análise específica do objeto produzido	Implicações conceituais, metodológicas e epistêmicas. O objeto, ele mesmo, sob todos os ângulos de aproximação, como os relatos desenhados entre os estados da sua produção, voltam a ser objetos de pesquisa. A ligação entre as fases, as continuidades preservadas durante a ação, a interface atividade/discurso, são submetidas às provas da vida.

Estruturalmente, dois tipos de relações dialógicas se superpõem: aquela iniciada nas fases filme, autoconfrontações simples (protagonistas a e b), e desenvolvida no enquadramento da fase de autoconfrontação cruzada. Percebe-se que esta última fase é o cronotopo (o *espaço-tempo*) de uma produção discursiva que se fez autônoma em relação a atividade inicial, mas que inclui esta última como referência (mesmo longínqua). Do mesmo modo, pode-se dizer que a cruzada inicia uma fase de produção discursiva contextualizada por cada uma das duas primárias, instaurando um relacionamento dialógico que engloba estes contextos. Entende-se que as primárias fornecem à cruzada as referências textuais, na forma de palavras, de proposições de enunciados, em resumo, de um *déjà la* lingüístico, mas também, e sobretudo, de gêneros do discurso sob os quais os encadeamentos à distância podem se produzir (as maneiras de dizer podem ser prolongadas), tal como os engajamentos (e as oposições) implícitas sobre si mesmo, sobre *outrui*, sobre os objetos da situação. Esses são os *'entornos'* (François, 1993) que de fase em fase, de uma situação a outra, podem permitir a produção de sentidos concretos diferenciados pelo recurso às palavras e aos procedimentos idênticos em contextos e situações diferentes. É precisamente da exclusão dessas significações (e sentidos) concretos que o analista deve preservar-se. Ele deve aplicar-se a

reencontrar, atrás dos enunciados lingüísticos, as linhas que unem uns aos outros os elementos presentes, com maior ou menor percepção, nas diferentes fases. Sua garantia consiste, como dissemos, em jamais perder de vista os traços da atividade real inicial, que ele observou e filmou.

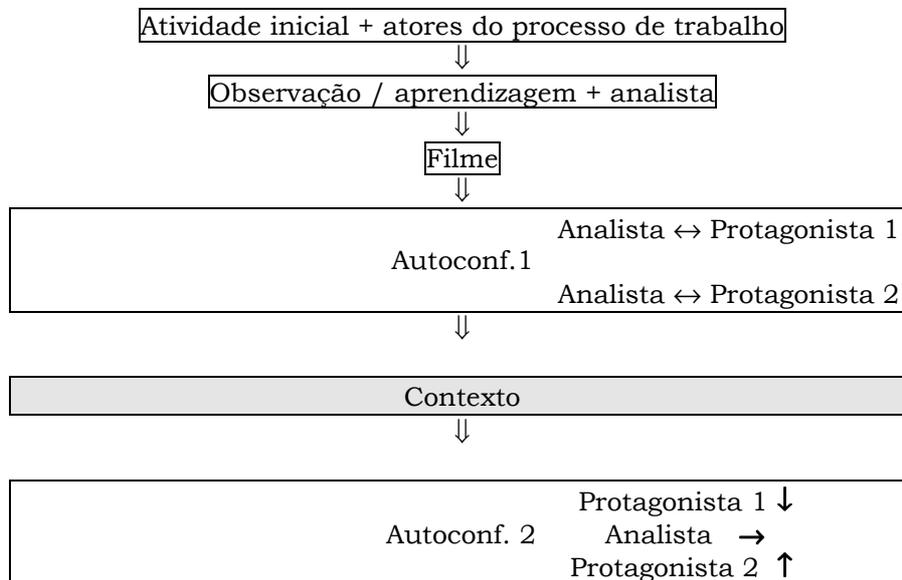
Observamos ainda que os princípios da autoconfrontação podem ser visualizados em linhas gerais, *como recursos de circulação/confrontação de discursos disponibilizados em diferentes níveis de produção e suporte* (Vieira 2003: 269), inclusive textual. Tal é o dispositivo de autoconfrontação enunciativo-discursiva, proposto por Vieira (2002a) num movimento de recuperação das relações dialógicas estabelecidas entre diferentes campos de sentido que subsidiam o trabalho de análise.

## **8. Os desafios propostos ao pesquisador-analista**

É certo que o analista se vê todo o tempo confrontado em maior ou menor grau com uma espécie de prova. Ele deve situar-se no diálogo com os participantes, tomando uma posição enunciativa particular a cada etapa do procedimento, sem perder de vista as dimensões concretas das trocas e mantendo uma relação permanente com a atividade inicial e seus elementos de contextualização (ver acima). A manutenção desse equilíbrio é determinante, uma vez que dele depende a produtividade real do processo, através das diferentes situações criadas. Se a sua postura enunciativa limita-se àquela de um participante da interação situado nas autoconfrontações cruzadas, a porta será largamente aberta aos micro-gêneros das especialidades que evocamos anteriormente (psiquiatria, psicologia, lingüística). Então é da maior importância, e nós insistimos nisso, que o analista se situe conscientemente em um ponto da continuidade geral entre as fases da ação, sempre conservando uma visão

realista das lacunas do seu ponto de vista, de modo a lhes diminuir o tanto quanto possível<sup>7</sup>.

Para uma melhor visualização da posição do analista em função das relações que ele desenvolve com os protagonistas da atividade em diferentes fases do processo de autoconfrontação, passamos a figurar, no esquema abaixo, como se dão as relações entre os participantes em associação às situações nas quais eles se encontram no decorrer das fases sucessivas:



Embora simples, o esquema faz aparecer as barreiras e continuidades já assinaladas. O analista, de fato, não pertence, ou ao menos de todo, a esfera da atividade em questão e se situa em posição assimétrica em relação aos protagonistas da atividade. Ele deverá então compensar, modalizar, as conseqüências dessa desigualdade objetiva se aplicando a um duplo trabalho no nível

<sup>7</sup> A melhor boa vontade não pode anular o fato de que pesquisadores e protagonistas diretos do trabalho não pertencem jamais à mesma história.

da atividade de trocas linguageiras. Ele deverá proceder a idas e vindas entre as *significações* produzidas no enquadramento dos discursos respectivos dos parceiros que interagem entre eles e com ele, e o resultado das suas próprias observações, retrabalhadas na fase de autoconfrontação simples. É a este preço, do exercício de um movimento dialógico, que ele poderá engajar-se no necessário vai e vem entre o *horizonte imediato* (Bakhtin, 1929/1977: 150) do grupo ao qual ele está momentaneamente associado, com os dois protagonistas da autoconfrontação cruzada, e com o *horizonte social ampliado* do grupo social não-restrito ao qual pertencem seus interlocutores. Efetivamente para os interlocutores protagonistas, o espaço de interação definido pelo procedimento e a situação criada não recobre este outro espaço englobante de sua atividade, feito de um universo de pensamentos, de culturas do meio de trabalho, de *gêneros de atividade* e de *gêneros profissionais* (Clot & Faïta, 2001). É nesse plano, não imediatamente acessível ao analista, que são estratificados os componentes das relações dialógicas mantidas pelos protagonistas.

Não seria realista imaginar que a defasagem em questão possa ser preenchida, esta é a natureza mesma do desafio proposto ao analista, ele deverá tentar se aproximar das modalidades de trocas que funcionam no enquadramento desse horizonte alargado do qual ele está objetivamente excluído. Por isso, seu principal recurso consistirá em utilizar a continuidade entre as fases sucessivas para construir um terceiro tipo de espaço, próximo desse *espaço-tempo* já mencionado, funcionando como o lugar de encontro das atividades respectivas dos protagonistas, ou ainda como *território comum* de uns e outros onde as palavras produzirão ao mesmo tempo sentido e significação. Esse território não se reduzirá apenas a interação em situação de autoconfrontação, mas será religado pelo maior número possível de pontos com os outros domínios da atividade concernente, o que é próprio da evolução das trocas em uma situação de relações dialógicas na vida. A noção de tema, própria a Bakhtin, inseparável de uma concepção ampliada da significação, convém perfeitamente para descrever o trabalho a

fazer e as condições (de uma enunciação concreta) a serem criadas para efetivá-lo:

*O tema constitui o estágio superior real da capacidade lingüística de significar (...) A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. A investigação da significação de um ou outro elemento lingüístico pode (...) orientar-se (...) para o estágio superior, o tema: nesse caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de enunciação concreta. (Bakhtin, 1229/1992: 131).*

Seguindo essa pista passaremos a um exemplo retirado de um estudo em Clínica da atividade<sup>8</sup>: *No decorrer desse estudo dedicado ao “stress” dos cobradores (contrôleurs) da SNCF (Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro da França), uma jovem do sexo feminino, SW, participa do procedimento de autoconfrontação. Durante a fase 1, ela faz o comentário e a explicitação da situação de trabalho representada pelo filme. Para fazer compreensível aos pesquisadores alguns dos gestos e posturas que se vêem na tela, ela evoca os perigos ligados a certos defeitos nos tipos de vagões utilizados, especificamente o fato de que um viajante inconsciente pode abrir as portas durante o trajeto<sup>1</sup>.*

---

<sup>8</sup> Gabriel Fernandez & Frédéric Yvon, “Enquete sobre o stress profissional”, Clínica da Atividade, Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação, CNAM-Paris, novembro 2001.

<sup>1</sup> SW(cobrador): *Nesse tipo de material as portas ficam abertas entre as estações... é verdade que um adulto consciente não vai se divertir abrindo as portas e saltando... mas um menino é bem possível... (...) uma mãe que não presta atenção.. o menino abre as portas e cai... se ganha tudo!*

GF(analista): *Se ganha tudo? É a criança que abre a porta que ganha tudo?*

SW: *Quer dizer.. a criança que abre.. ela cai .. se tem uma morte da consciência depois...*

GF: *O que você ganhou?*

SW: *É uma expressão.. quando eu digo ‘se ganhou tudo’... (a expressão em português seria semelhante a “fazer um gol!”) é a empresa que ganhou tudo, que não faz nada contra isso.. a direção está consciente que as linhas são perigosas e já faz alguns anos que elas funcionam.*

SW: (contrôleur) ... *dans ce type de matériel les portes restent ouvertes entre les gares... c'est vrai qu'un adulte conscient va pas s'amuser à ouvrir les portes et à sauter... mais un gamin c'est tout à fait possible... .. (...) une maman qui fait pas attention.. le gamin il ouvre les portes et il tombe... on a tout gagné!! (...)*

GF: (analyste) ... *on a tout gagné? C'est l'enfant qui ouvre qui a tout gagné?*

SW: *c'est à dire.. un enfant qui ouvre.. il tombe dessous.. on a un mort sur la conscience après.*

GF: *Qu'est-ce que vous avez gagné?*

SW: *...c'est une expression.. quand je dis "on a tout gagné"... c'est l'entreprise qui a tout gagné.. qui ne fait rien contre ça.. la direction est consciente que ces rames sont dangereuses et ça fait quand même quelques années qu'elles roulent!!*

Nessa troca o pesquisador destaca uma expressão familiar funcionando como anti-frase: *"on a tout gagné"*. A expressão quer dizer ao contrário que uma catástrofe aconteceu e seria possível deter-se ao nível da significação, o que não faz o pesquisador que reage em função de uma dúvida advinda de sua cultura profissional, uma vez que ele conhece a empresa do seu interior. É esse conhecimento partilhado que explica porque ele se recusa a ficar ao nível da significação abstrata (*c'est l'enfant qui...*) e mobiliza a segunda questão. Esta atitude permite ao enunciado concreto emergir no diálogo no lugar em que talvez ele seria perdido no não dito: os cobradores trabalham em condições mais precárias do que o normal em virtude da atitude da direção. Aos acidentes possíveis por razões objetivas se acrescentam estes, previsíveis, mas que podem acontecer em decorrência de uma política deliberada. Uma posição similar poderia ser perfeitamente adotada por um pesquisador menos familiarizado à SNCF, mas que fosse observador e atento, cuidadoso em colocar em relação os atos discursivos da situação imediata, tanto quanto o que se percebe do 'horizonte alargado' dos seus interlocutores.

## 9. Construir uma situação em favor do diálogo

A originalidade da autoconfrontação, enquanto um método de solicitação das experiências e dos saberes em ato, reside na liberação dos modos de significar oferecidos aos sujeitos. Liberação permitida pelo emprego de uma relação dialógica nova, que escapa aos limites das situações vividas anteriormente. Assim, a pluralidade de correlações possíveis entre os enunciados e as situações de ação de referência podem transformar-se elas mesmas em objeto de reflexão e de debate: através do reconhecimento da pluralidade das vozes, da pluralidade dos signos, que componham a dimensão concreta das trocas verbais.

Observamos que a questão dos modos e formas de lançar o processo dialógico não se põe da mesma maneira em matéria da solicitação da experiência profissional. Diferentemente dos métodos de condução da entrevista<sup>9</sup>, a autoconfrontação não poderia ser conduzida privilegiando uma atividade do sujeito centrada sobre uma só referência ao vivido, excluindo por conseqüência toda forma de digressão ou de modalização, uma vez que não se trata de impedir toda deriva do discurso pela relação a uma ‘posição de palavra encarnada’ (Vermersch, *op. cit.*) do sujeito. O exemplo citado anteriormente mostra, ao contrário, o papel importante, para o conhecimento da atividade em um sentido alargado, atribuído, por exemplo, à digressão metadiscursiva. Não existem propriamente atos de lançamento específicos e apropriados a serem usados pelo analista, por exemplo como formas de questões “ancorando” o sujeito na realidade evocada.

Ao colocar efetivamente um ponto de vista que favoreça as relações dialógicas como o motor do processo de elaboração e expressão dos saberes, da experiência dos sujeitos, deve-se então admitir que esta experiência participa da atividade, uma vez que ela está presente, como um fator direto ou indireto, nas escolhas

---

<sup>9</sup> Não nos deteremos na evocação desses métodos, nos contentamos em assinalar os trabalhos de P. Vermersch sobre ‘a entrevista de explicitação’, utilizados para solicitação da experiência profissional.

efetuadas na ação. Mas nada autoriza a considerar a *priori* que a parte dessa experiência susceptível de ser formalizada, estruturada e posta em palavras, possa ser legitimamente privilegiada pela investigação, em outros termos, que ela constitua a única parte a ser buscada e considerada. Por um lado, a parte diretamente exprimível da experiência não contém tudo nela mesma (é suficiente pensar em tudo que na ordem das emoções e afetos, tem um papel importante, sem entretanto, encontrar como dizer-se através dos recursos estritamente lingüísticos); por outro lado, a colocação em palavras constitui uma mediação menor entre o vivido e seu conhecimento do que certos momentos de uma atividade ou uma parte do seu desenvolvimento, que na iniciação de movimentos novos transforma as relações que os protagonistas acreditavam estabilizadas. Dessa forma, como pré-julgar as vias e as formas desse movimento dialógico, a natureza dos temas que encontramos circulando, os gêneros do discurso escolhidos como suporte?

No exemplo seguinte, extrato de uma autoconfrontação cruzada, a primeira do gênero<sup>10</sup>, os pesquisadores presentes não intervêm e a motricidade do diálogo segue seu curso: *Nessa autoconfrontação cruzada dois protagonistas AdC do TGV (Trem de Grande Velocidade), assistiram a autoconfrontação n.1 de cada qual. Eles escutaram seus comentários respectivos e constataram sensíveis diferenças visíveis nos filmes<sup>11</sup>.*

---

<sup>10</sup> Trata-se de uma situação reunindo dois condutores de trem, na ocasião de uma pesquisa realizada em 1996. Ver Faïta, Clot et alli, 1996.

<sup>11</sup> AdC1: *Eu rodo bastante.. eu faço parte daqueles que.. é limitada a 155 eu rodo a 155.. não a 145! Digamos que eu trabalho, digamos, por degraus (..) se é para ser 141 ao PK 21.. eu começo a freiar ao PK 22.. eu não me detenho antes.. a velocidade é a velocidade.. eu gosto bastante de trabalhar na velocidade máxima e de rodar por degraus.*

AdC2: *Agora aqui.. eu faço tudo ao contrário pra mim.. sob reserva bem entendido de estar no horário.. eu deixo a velocidade cair naturalmente.*

AdC1: *A mim isso não me incomoda chegar adiantado.. é por isso que eu trabalho por degraus.. eu flerto com a velocidade máxima.. com os limites.*

AdC2: *Expressão de estupefação!*

AdC2: *Por que para mim chegar adiantado não me incomoda.. quando as condições estão boas isso não me incomoda nem um pouco de chegar cinco minutos adiantado.. isso não incomoda ninguém no serviço.. ao contrário isso pode ajudar o serviço..*

<p><b>AdC1:</b> <i>Moi je roule beaucoup.. je fais partie de ceux qui.. c'est limité à 155 je roule à 155.. pas à 145 !.. disons que je travaille, disons.. par paliers (..) s'il faut être à 141 au PK 21.. je commence à freiner au PK 22.. je ne m'y prends pas à l'avance.. la vitesse c'est la vitesse.. j'aime bien travailler à la vitesse maxi et rouler par paliers..</i></p>	<p><b>AdC2:</b> <i>(Durante o turno de fala de seu colega, a mímica de AdC n. 2 traduz um espanto crescente)</i></p>
<p><b>AdC1:</b> <i>Moi ça ne me dérange pas d'arriver en avance.. c'est pour ça que je travaille par paliers.. je flirte avec la vitesse maxi.. avec les limites</i></p>	<p><b>AdC2:</b> <i>Alors là.. je fais tout le contraire moi.. sous réserve bien entendu d'être à l'heure.. je laisse chuter naturellement la vitesse..</i></p>
<p><b>AdC1:</b> <i>Parce que moi arriver en avance ça ne me dérange pas.. quand les conditions s'y prêtent bien ça ne me dérange pas du tout d'arriver avec 5 mn d'avance.. ça ne dérange personne dans le service.. au contraire ça ne peut qu'arranger le service..</i></p>	<p><b>AdC2:</b> <i>Expression de stupéfaction</i></p>
<p><b>AdC1:</b> <i>Expression de perplexité</i></p>	<p><b>AdC2:</b> <i>Ah bon!!!</i></p>
<p><b>AdC1:</b> <i>Moi j'ai pas l'impression de brusquer le matériel.. mais c'est vrai que je sollicite au maxi.. je profite au maximum de tout ce qu'on m'offre..</i></p>	<p><b>AdC2:</b> <i>...moi arriver en avance je fais pas trop.. je préfère ménager le matériel.. des fois ça casse...</i></p>

O interesse maior dessa passagem, analisada detidamente em outro artigo (Faïta, 2001), reside no fato de que o diálogo evolui a partir do tema da velocidade até chegar ao da qualidade de serviço, e depois aos cuidados com os materiais. Esta cascata, de tema em sub-temas sucessivos, demonstra bem que valores importantes podem existir no pano de fundo, dissimulados por palavras anódinas. É evidente, que as mímicas

---

AcD1: *para mim chegar adiantado eu não faço muito.. eu prefiro administrar o material.. às vezes isso quebra...*

AcD1: *Para mim eu não tenho a impressão de forçar o material.. mas é verdade que eu o solicito ao máximo.. eu aproveito ao máximo de tudo que me oferece...*

neste fragmento tem um papel não negligenciável, marcadamente em nível dos encadeamentos de um interlocutor sobre outro. A intervenção de um membro da equipe de pesquisa, direcionada a regular e focalizar o debate poderia entrar esse desenvolvimento.

Por havermos, em múltiplas ocasiões, procedido a estudos que demandavam a solicitação da experiência profissional e dos saberes em ato de trabalhadores de diversas ordens, nós pudemos constatar como a categorização, no colocar em palavras ou na colocação em discurso, não oferece senão um registro em meio a outros possíveis. A troca verbal recorre efetivamente a múltiplos recursos potenciais no desenvolvimento da atividade de que ela participa. Em meio destes, todos os procedimentos retirados de uma gama de retóricas – da mais formal, com suas metáforas, suas catacreses ou litotes, às mais costumeiras, num universo de comparações familiares, de acentuações por repetição ou por enumeração, dentre outras tão freqüentes no discurso do trabalho (Faïta, 1989), mas também das variações prosódicas, do jogo dramático.

A troca verbal, domínio das relações dialógicas, oferece uma gama de possibilidades de jogo, utilizando ao máximo da plasticidade do signo lingüístico (não há jamais somente uma relação possível, única, entre os elementos da realidade e o colocar em palavras correspondente), e da sua colocação em contraste com uma multidão de outros signos, de tal forma que a comunicação humana não aparece apenas numa semiologia única. Privilegiar um canal, a colocação em palavras enquadrada por um aparelho de regras, reduzindo o jogo apenas às referências estritas e inferências semânticas, é filtrar a parte excessivamente bela dos mecanismos atenuantes dos conflitos na história dos sujeitos. É, dizendo de outro modo, se contentar com um viés de um caso particular, por vezes uma ilusão de comunicação fundada sobre a hipótese (há a tentação de dizer a 'certeza') de que existem experiências reais, constituídas de uma imensidão de situações concretas e se poderia encontrar uma contra-parte integral na produção discursiva conforme o código, suas unidades e regras. Enfim, o método privilegiando o enquadramento da expressão dos protagonistas por meio de técnicas apropriadas, ou

também, a condução tradicional das entrevistas, pode ter um efeito de condicionamento da fala por diversas formas de esquematização impostas. É um inconveniente que esperamos evitar por meio da autoconfrontação cruzada.

#### **10. “Micro-gêneros” versus “circulação temática”**

Mesmo desaconselhando a tentativa de “moldar” a conduta do diálogo nas autoconfrontações, reconhecemos que, independente do método de solicitação das experiências de um sujeito, é impossível evitar as conseqüências do jogo de questões e de respostas, ou simplesmente evitar a assimetria imposta ao diálogo por uma conduta unilateral de um participante. Freqüentemente é o papel de quem questiona, ou que, de alguma forma, monopoliza a iniciativa dos encadeamentos entre os temas abordados, que entrava as trocas de lugar entre os interlocutores, um fenômeno que é bem conhecido na análise da interação. Segundo os termos que utilizamos, esse processo tem todas as chances de fazer aparecer os ‘micro-gêneros’, quer dizer as relações, estruturas e formas preexistentes aos enunciados produzidos pelos protagonistas que são em larga medida impostos a eles ou ao menos os pressionam, como sujeito falante, a se definir em relação a eles. De tal forma que romper um encadeamento questão-resposta é sempre possível, e nesse caso produz-se uma verdadeira significação. Se aquele que está em posição de questionar o outro sistematicamente tende a se posicionar numa relação de dominação, esse traço é reforçado logo que a questão é de fato instrumentalizada, com o intuito de impor ao interlocutor uma orientação das escolhas expressivas e argumentativas as quais ele não procederia fora desse enquadre. Nessa linha de compreensão é a relação, ilustrada e mantida por uma certa variedade de procedimentos, que faz sentido, e não os enunciados eles mesmos.

Por exemplo, nas enquetes de operários, apesar da brevidade (ademais relativa) das relações de questionário ou de entrevista, vê-se bem como se pode produzir um tipo de assujeitamento às regras de um ritual implícito junto aos sujeitos

reenviados a uma só dimensão referencial de seus propósitos, ao custo da exclusão de toda forma de digressão, de avaliação meta-cognitiva ou meta-discursiva. Em um outro terreno, não tão distante, Amigues e Zerbato-Poudou (2000) remarcam que o “gênero escolar” dá forma a aprendizagem. Mas são os modos (os micro-gêneros) de condução da classe que ‘ritualizam’ efetivamente as relações no cerne do grupo, entre o grupo e seus interlocutores.

É bastante claro que tais modalidades de conduta de expressão entram em contradição formal com a idéia de uma caminhada aberta para a produção discursiva concebida como instância do desenvolvimento, sobretudo, das capacidades dos sujeitos: capacidades de aproveitar a lembrança do vivido, sua confrontação a outroi e a imagem de si que lhe retorna do outro, a colocação em circulação das idéias suportadas pelos temas do discurso, o movimento próprio do discurso no quadro da atividade de trocas. Todas são solicitações para reelaborar seus pontos de vista sobre os objetos de sua atividade e sobre ele mesmo como protagonista. Ao movimento impresso por essas diferentes confrontações se acrescenta o que nós qualificamos de “motricidade do diálogo” (Clot & Faïta, 2000), quer dizer, essa propriedade das relações dialógicas conduzindo os operadores através da via da transgressão do *déjà dit*, do *précodificado* ou do “*dado*”, para se engajar na criação, e tornar-se ao menos seu próprio interlocutor.

### **11. Por que razão privilegiar as relações dialógicas e o sentido concreto?**

A hipótese metodológica fundadora da autoconfrontação cruzada deixa um lugar preponderante às relações dialógicas, e não somente ao diálogo, entendido como encadeamento e sucessão de réplicas formais. As “esferas de atividade” evocadas por Bakhtin, quer dizer, todas os modos de recorrer a linguagem e de cumprir uma tarefa, atendem um objetivo, gerar uma relação englobando o conjunto das dimensões temporais da atividade (passado, presente, futuro), mas também o irreal e hipotético,

uma vez que o protagonista endereça simultaneamente seu enunciado a um outro, tanto ao protagonista interlocutor presente, como ao *surdestinatário* ideal, aquele que interpretaria perfeitamente os elementos materializadores de seu projeto discursivo, do seu *querer dizer*.

É evidente que o dispositivo colocado em funcionamento para favorecer o engajamento desse processo não poderia repousar sob concepções limitativas que visam, ou obtêm como efeito, diminuir no todo ou em parte a 'dramática' da produção do sentido que, a cada enunciado, se joga simultaneamente sobre três planos. Isoladamente nem a relação ao contexto, nem as relações referenciais, nem as inferências semânticas constatadas em situação de interação não podem permitir a elas mesmas a compreensão desse fenômeno complexo. A significação, abstrata e previsível, produzida por uma frase (ou uma *proposição* no sentido bakhtiniano), que poderia ser completa no plano sintático-semântico não é tampouco uma figura unidimensional que representa superficialmente o enunciado, então a parte concreta não pode encontrar sua manifestação fora de um desenvolvimento, apelando de modo variado à dimensão histórica do processo, ao contexto, ou ainda a uma fase posterior desse processo.

No exemplo seguinte, a autoconfrontação põe em presença dois professores que trabalham em 'classes difíceis': *Após terem visto a autoconfrontação 1 (simples) de um deles, o diálogo evolui sobre o tema da chegada dos alunos retardatários: esses alunos incomodam ou não seus colegas que já estão trabalhando?*<sup>III</sup>

---

<sup>III</sup> B: .. e os alunos sérios que se vê naquela imagem, eles não são incomodados pela chegada tardia desses dois alunos? .. eles não perguntam... feli... "virem-se" porque nós nós já estamos em atividade..?

C: .. não! ... eles têm uma coisa pra fazer, eles sabem fazer mais porque... o primeiro exercício eu havia dado, ham, é o ultimo que foi feito na aula anterior... então eles chegam... teoricamente eles sabem fazer.. então eles eles estão ocupados.. (...) isso permite justamente de gerir a chegada dos alunos... em ver..

B. .. et les élèves sérieux qu'on voit à l'image là, ils sont pas dérangés par l'arrivée tardive de ces deux élèves ?.. ils te demandent pas.. heu... "virez-les" **parce que nous on est déjà en activité..?**

C. .. non! ... j'ai pas de remarques, **parce que eux, en fait ils sont en activité**, ils arrivent... ils ont un truc à faire.. ils savent faire en plus parce que.. le premier exercice que j'ai donné, hein, c'est le dernier qui a été fait le cours d'avant... donc ils arrivent... théoriquement ils savent faire... donc eux ils sont occupés (...) ça permet justement de gérer des élèves.. en vrac..

Nesse caso, a contradição evidente sobre o segmento do enunciado "*sont en activité*" (estão em atividade) ilustra perfeitamente o interesse dos protagonistas pelo método, a natureza referencial que ele detém. Não é um aporte direto, a parte da informação objetivamente mostrada não tem uma importância em si mesma, mas este fragmento é uma peça entre outras que se movimentam, numa circulação e confrontação dos temas que revelam aos protagonistas as contradições subjacentes ao modo como eles exprimem seus saberes em atos, de tal modo que eles nem desconfiam. No caso preciso, a divergência sobre a natureza da atividade recobre de fato um conflito temático ( "ocupar" os alunos é não somente os colocar formalmente no trabalho mas sobretudo lhes permitir "saber" fazer). O diálogo se desenvolve em seguida, para a radicalização da postura dos dois professores que chegarão a uma fase de confronto, de ruptura da interação, antes de se concluir por uma evolução do primeiro nomeado em direção às posições dos colegas. O pesquisador-analista, que havia se manifestado antes dessa passagem, não deve sobretudo intervir nesse momento. Uma questão da parte dele, ou um sublinhamento da contradição, teria certamente o efeito de bloquear o desenvolvimento em curso.

Definitivamente o sujeito se encontra confrontado com esta contradição permanente e sistematicamente renovada: exprimir as relações infinitamente complexas e variáveis por meio de instrumentos rudimentares e em pequeno número, retomando as combinações que já foram feitas em circunstâncias passadas

no seu ofício. Só lhe resta então como recurso a descoberta, mais ou menos por ele mesmo, mais ou menos com a ajuda dos outros, mais ou menos contra eles, dos modos “abertos” de significar, introduzindo a variedade no modo de utilizar o material verbal já existente e a *priori* impróprio a um uso singular. Não é surpreendente que ele descubra, na maior parte do tempo, os recursos necessários a sua expressão no fio de sua implicação na interação, nas situações de confrontação em que a sua atividade e a dos outros se embatem ou se misturam. Ao mesmo tempo, e mesmo que seja um caso de grandes proporções, não é suficiente dizer que a interação, a referência contextual dos atos de linguagem são suficientes para validar as produções discursivas desse sujeito, uma vez que, como nós bem vimos, o processo no qual ele está engajado ultrapassa, e muito, os limites de uma só situação.

## **12. Garantir a produtividade dialógica preservando a produção do senso concreto.**

A interrogação recorrente sobre a natureza e a fonte das “questões a propor”, numa espécie de guia de autoconfrontação, simples ou cruzada, não é desprovida de pertinência pois efetivamente encontramos o pesquisador/analista (observador, entrevistador) e o protagonista/sujeito, numa situação criada com fins precisos: avançar no conhecimento da atividade pelo engajamento em uma outra forma de atividade. Então é importante mensurar o que separa tais situações, às vezes da vida cotidiana, sejam elas excepcionais, daquelas geradas habitualmente pelas práticas de entrevista. A relação dialógica instaurada na autoconfrontação apresenta esse particular de incluir um terceiro, um estrangeiro, na história própria do sujeito autoconfrontado, sem que no cruzamento das atividades respectivas de um e de outro ressurgja – ao menos não identicamente – a desigualdade característica da relação entrevistador-entrevistado. A questão é saber se esse “estrangeiro” pode ser não apenas o entrevistador, aquele que na entrevista simples ou de explicitação se esforça por manter os enunciados

produzidos dentro de uma relação exclusiva de contextualização com o entorno que eles constituem eles mesmos, uns pelos outros, mas pode ser uma fonte de otimização dos mecanismos em funcionamento na produção do sentido pelas relações dialógicas. Mecanismos que possibilitam diferentes aberturas, seja numa antecipação máxima do trabalho de compreensão do outro, seja na eficácia dos diferentes modos de categorizarão intervenientes na colocação em palavras (léxico, sintaxe, estilística), ou ainda na manutenção da dinâmica interacional, etc...

A dificuldade que se revela ao tempo em que se avança no sentido de uma definição de *papel*, é de dizer claramente o que o observador participante da situação de autoconfrontação deve contribuir a criar, em matéria de relações inéditas, atento ao fato de que o objetivo não é definido unilateralmente e não seria feito fora das relações estabelecidas com ou entre os parceiros envolvidos. O sentido da atividade não se resume a solicitação ou a “extração” de dados, no quadro de um procedimento “empírico”. Ele será pesquisado na relação que institui o procedimento entre as atividades conjuntas dos participantes e a construção negociada de um novo objeto, por submeter ao trabalho de investigação de uns e outros. É por isto, que a focalização sobre a expressão, ou a colocação em palavras de relações bi-unívocas entre elementos de discurso e elementos da experiência, é inválida nessas circunstâncias. O caminho é da ordem do deslocamento, com toda a produtividade que se tenha o direito de esperar: o desenvolvimento das situações revistas, a multiplicação das explicitações e hipóteses favorecidas por um processo criador de condições de uma liberação dos “modos de significar”.

O sujeito submetido à autoconfrontação, inicialmente simples, deve encontrar-se em condições que lhe permitam abrir para si mesmo estas possibilidades, encontrado os recursos necessários na diferença entre o que ele constata dele mesmo em ação, de como esta ação se diz e comunica aos outros, e mais além, o que ele experimenta como necessidade de recriar como significações, a princípio para si mesmo, em reação a esta constatação. Trata-se dessa relação de “surpresa” *à soi et sur soi* (Clot Faïta et alli, op. cit.), da qual a comunicação exige uma

abertura da dimensão concreta dos modos de significar. Trata-se em primeiro lugar de romper com a pura lógica argumentativa, com aquilo que se qualifica como ‘retórica sábia ou costumeira’, que instala precisamente as declinações sucessivas dos gêneros e sub-gêneros (utilizamos anteriormente “micro-generos”), e contém a expressão na referência maciça ao dado, ao *déjà-là*, às vezes mesmo até no modo de inovação. A ruptura consistirá em abrir as portas ao diverso, aos outros substratos da comunicação, principalmente às relações contraditórias, geralmente perdidas, entre o que os sujeitos percebem às vezes como a um passo de ser dito e o como seria apropriado lhe dizer, contraposto ao que eles pressentem que poderiam dizer de outro fazendo um sentido diferente.

### **13. Encaminhando uma conclusão**

Propor um “modelo” em matéria de conduta do procedimento de autoconfrontação estaria sem dúvida em contradição com os fundamentos da nossa *démarche*, e antes ainda com o fato de que nenhum processo, quando ele mesmo seria consecutivo à criação de uma situação *ad hoc* (o que é o caso das autoconfrontações), não poderia assinar um objetivo unívoco. Criar as condições das relações dialógicas entre dois interlocutores é criar as condições para que o diálogo entre eles procure as suas próprias bases, depois evolua e transforme essas mesmas bases no fio do seu movimento. O fato de que os analistas possam esperar das relações mantidas que elas evoluam em uma direção mais do que em outra, que as posições dos protagonistas se transformem conforme o interesse da enquete, não é contraditório. Entretanto, como mostramos amplamente desde o início, é anteriormente, no enquadramento das precauções a tomar, das escolhas a fazer, na definição estreita do lugar e da atitude do analista que devemos situar os problemas e suas possibilidades de solução. O pesquisador-analista deve, ao contrário, posicionar-se com responsabilidade no curso do processo, de maneira a não subestimar as relações dialógicas por manifestações interacionais que poderiam introduzir, de um modo

ou outro, os sub-gêneros discursivos e comportamentais que os parceiros poderiam identificar ou sentir como uma tentativa para direcionar a conduta deles para um objetivo opaco. Lembremo-nos do fato de que não existe alguma neutralidade bem pensada em matéria de trocas verbais. As palavras de um *procedem dele tanto quanto elas são dirigidas para o outro* (Bakhtin, 1934-1935/1998). É necessário então que o analista projete uma visão límpida ao futuro do diálogo, em relação com objetivos claros, para jogar com toda imparcialidade possível o seu papel de onisciente e onipresente.

Nossa arena de trabalho concentra-se no espaço-tempo da autoconfrontação cruzada e o pesquisador-analista deve evitar confundir a sua atividade com aquela dos participantes desse momento, deve centrar-se na atividade concreta dos interlocutores e aceder, na medida do possível, à dimensão concreta das suas enunciações, evitando especular sobre a parte *hic e nunc* de suas condutas em situação de interação. Não se trata de criar uma nova referência para os enunciados produzidos nessa situação de autoconfrontação cruzada, o que seria contrário aos nossos princípios, mas de atualizá-la, para além do imediato. O essencial reside em respeitar a continuidade da atividade inicial, do vivido de uns ao produto de observação de outros, sem separar-se do caminho traçado desde as etapas da colocação em imagem e da primeira colocação em palavras sobre a situação de trabalho. Enfim, retomamos com a máxima prudência, justificada pelos riscos inerentes da transferência de uma teoria elaborada por meio de outros objetos, um escrito de Bakhtin:

*...não é no contexto dos valores da minha própria vida que minha vivência pode adquirir seu significado próprio (...). Em minha vida, esse contexto não existe para mim. Preciso de um ponto de fixação do sentido que esteja situado fora do contexto da minha vida, que seja vivo e criador.* (Bakhtin, 1920-1930/1997: 128).

Na autoconfrontação cruzada, é o par eu/outro que fornece esse ponto de fixação, à partir do qual o sujeito pode então discernir no seu próprio vivido a relação com a situação de

trabalho e o objeto desse trabalho. Nos procuramos criar esse ponto de fixação do sentido, para aclarar o processo no qual evolui a transformação, abrindo aos sujeitos um “parêntese” no qual, no dizer de Bakhtin (ibidem) eles podem tornar-se “outros em relação a eles mesmos”.

#### **14. Bibliografia**

AMIGUES, R. & ZERBATO-POUDOU, M. T. *Comment l'enfant devient élève*. Paris: Retz, 2000

BAKHTIN, M. (Volochinov, V. N.) (1929) *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit, 1977.

\_\_\_\_ (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Yara F. Vieira, 6. ed., São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. (1920-1930) “O Autor e o Herói”. In: *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997

\_\_\_\_ (1929/1961-1962) *La poétique de Dostoïevski*. Traduction: Isabelle Kolitcheff. Preface: Julia Kristeva. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

\_\_\_\_ (1934-1935) “O discurso no romance”. In: *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. Trad. A.F. Bernardini e outros. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

\_\_\_\_ (1975) *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. Trad. A.F. Bernardini e outros. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

\_\_\_\_ (1975) *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1984.

CLOT, Y. & FAÏTA, D. Genre et style en analyse du travail, concepts et méthodes. *Travailler - Revue Internationale de Psychopathologie du Travail*, Paris, n. 4, p. 7-42, 2000.

CLOT, Y. ; FAÏTA, D. ; FERNANDEZ, G. ; SCHELLER, L. Entretiens en autoconfrontation croisée : une méthode en clinique de l'activité. *Education Permanente*. (Dossier: Clinique de l'activité et pouvoir d'agir). Genève, v.1, n. 146, p. 17-25, 2001.

FAÏTA, D. Mondes du travail et pratiques langagières. *Langages*. Paris, n. 93, p. 110-124, 1989

\_\_\_\_ La conduite du TGV: exercices de styles. *Camps visuels*. Paris, n. 6, p. 75-86, 1997.

\_\_\_\_ Genres d'activité et styles de conduite. In: A. BORZEIX, FRAENKEL, B. Langage, travail, Communication, cognition, action. Paris: CNRD éditions, 2001 a, p. 264-282.

\_\_\_\_ L'analyse du travail et le statut de l'activité chez Bakhtine. *Travailler - Revue Internationale de Psychopathologie du Travail*, n. 6, p. 13-30, 2001 b.

FERNANDES, G. & YVON, F. Enquête sur l'stress professionnel. In: Seminário Interno da Clínica da Atividade, Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação. Paris: CNAM, novembro 2001, documento de trabalho.

FRANÇOIS, F. *Pratiques de l'oral*. Paris: Nathan, 1993.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine le Principe Dialogique suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

VERMERCH, P. *L'entretien d'explicitation*. ESF, 1994.

VIEIRA, M. Le role du dialogisme dans l'activité de travail. *Actes des IIIèmes Rencontres Travail et Civilisation: "Penser l'ouverture des espaces, des métiers, des pratiques"*. Marseille, Université de Provence, vol. 01, 2001, p. 329-334.

\_\_\_\_ *A Atividade, o discurso e a clínica: uma análise dialógica do trabalho médico*. 2002. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada aos estudos da Linguagem). PEPG LAEL PUC SP.

\_\_\_\_ Autoconfrontação em clínica da atividade: metodologias de análise dialógica de situações de trabalho. *Rev Intercâmbio*. São Paulo. Educ, vol. XII, 2003a, p. 259-271.

\_\_\_\_\_. O discurso relatado na atividade médica. In: B. BRAIT, B & C. SOUZA-e-SILVA (org.) *Discursos: Teorias e Práticas*. São Paulo: Ed. Cortes, 2003b (no prelo).

VIGOTSKY, L. S. (1934) *Pensamento e linguagem*. Tradução. Jeferson Luiz Camargo, revisão técnica José Cipola Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1987.